

CONTRIBUIÇÕES DA CANTIGA DE RODA PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Stefania Maia Araújo

Licenciatura plena em Pedagogia

Universidade Federal do Piauí, stefaniamaia@hotmail.com

Luciana Matias Cavalcante

Doutora em Educação Brasileira

Professora Associada da Universidade Federal do Piauí – UFPI, luciana@ufpi.edu.br

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar as práticas de alfabetização/letramento, promovidas na Educação Infantil, e as contribuições da música nesse processo. As práticas foram realizadas em uma escola da cidade de Luís Correia-PI, em duas turmas de nível I. Portanto, trata-se de relato de experiência advindo das práticas na área de linguagem, integrado com a educação musical. Coletamos os dados de atividades realizadas em dois dias letivos, por meio da observação e diálogos com os participantes. Identificamos certa resistência à utilização da música como linguagem significativa e observamos que há um tempo “aceitável” da música na escola, ou seja, em festividades ou fora do contexto de trabalho. Compreendemos que a alfabetização e letramento precisam ser vivenciados respeitando as singularidades da infância, ou seja, englobando o movimento e o lúdico. Dessa forma, a música demonstrou ser uma ferramenta oportuna para a realização da prática de leitura e escrita no início da escolarização.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Cantigas de Rodas. Alfabetização. Letramento.

INTRODUÇÃO

Essa escrita nasceu nas discussões promovidas pelo grupo de pesquisa “Diálogos e Reflexões em Educação” da Universidade Federal do Piauí e objetiva a compreensão de como podemos trabalhar a alfabetização e o letramento dentro da Educação Infantil de maneira que não se acelere práticas tradicionais de memorização e cópia, e que essas atividades não tragam prejuízo a ludicidade, característica importante para o desenvolvimento da criança.

Esse estudo traz relatos de experiências realizadas dentro de uma escola pública de Educação Infantil da zona urbana na cidade de Luís Correia-PI, com crianças de 3 e 4 anos. Neste cenário observamos como a instituição de ensino trabalha as atividades musicais, se essas práticas estão contextualizadas com os objetivos de alfabetizar/letrar para esta etapa de ensino ou quais objetivos estão estabelecidos para os momentos em que a música está inserida dentro do cotidiano escolar.

Sabendo que a criança traz de seu cotidiano e da sua cultura práticas de letramento é que buscamos compreender como as práticas promovidas na Educação Infantil possibilitam a construção do saber escolar a partir do conhecimento adquirido em sua vivência social. Ao mesmo tempo questionamos se a escola neutraliza esse saber até a idade de 3 anos.

Projeto de pesquisa desenvolvido na área da Educação Infantil. Contato: contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

alfabetizador, que são as três primeiras séries do Ensino Fundamental, indicada pelo Pacto Nacional da Idade Certa (PNAIC).

Trazendo o lúdico e o movimento como base para a produção da aprendizagem significativa, investigamos como as cantigas de roda, pode ser um forte aliado para despertar na criança o desejo pela leitura e quais as contribuições da educação musical, enquanto linguagem significativa, para o processo de ensino-aprendizagem.

Buscando estreitar a relação entre teoria e prática, contamos com alguns estudos desenvolvidos na perspectiva do letramento e alfabetização, tais como as pesquisas desenvolvidas por Emília Ferreiro (2001). Ferreiro alerta que o processo de alfabetização não deve ser trabalhado pela criança de forma mecânica, pois para a compreensão deste objeto social o indivíduo necessita pensar, desenvolver práticas sociais centradas na linguagem, construindo internamente a compreensão do funcionamento do sistema notacional. Magda Soares (2004) nos esclarece acerca da relação entre os conceitos de alfabetizar e letrar, auxiliando-nos na percepção da importância de integrá-los. Assim como as análises relacionadas ao lúdico, ao movimento e a música trazendo contribuições de Brito (2005), nos ajudando a identificar a importância da música como caminho para o conhecimento de mundo pela criança. Contamos também com Mariani (2011), que apresenta os laços que permeiam a música e a pedagogia, além das contribuições de Cascudo (2001) fornecendo o acervo cultural que abrange as nossas cantigas de rodas e sua relação com a Educação Infantil.

METODOLOGIA

Este estudo é resultado de relato de experiência, da descrição de práticas de alfabetização e letramento na Educação Infantil, mediadas pela música. Relatar a prática é processo estimulante para a reflexão e socialização de conhecimentos e saberes produzidos nas relações sociais e profissionais. Na docência, o relato da prática enriquece o processo reflexivo, por conseguinte, favorece também o repensar das ações didático-pedagógicas, ao tempo em que também é espaço de socialização com os pares da profissão, garantindo trocas importantes nas relações interpessoais.

Nesse sentido, compreendemos que o relato de experiência tem um papel formativo, pois subsidia e divulga o trabalho do professor, além de possibilitar um olhar mais acurado sobre o fazer e estimular sua reconstrução.

A prática relatada nesse texto foi desenvolvida com crianças da Educação Infantil e ajudou a problematizar a temática da alfabetização nessa etapa de formação, haja vista que
Projeto de pesquisa desenvolvido na área da Educação Infantil

esse tema parece ainda mal resolvido, tornando-se polêmico entre os docentes que atuam nessa escola. Seria então nessa escola o início do processo de alfabetização? Como conduzir esse processo e, ao mesmo tempo, respeitar as singularidades da infância, a identidade pedagógica e as próprias necessidades desses sujeitos?

RELATOS DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a educação musical mediando práticas de alfabetização e letramento

Este estudo trata-se de relato de experiência e busca a reflexão mais sistematizada acerca da alfabetização e do letramento na Educação infantil, estimulada por indagações que surgiram no meu ambiente de trabalho, onde leciono desde 2013. Nessa escola as atividades envolvendo a música eram trabalhadas em datas comemorativas, eventos festivos, ações rotineiras. Dessa forma, distante do que concerne a lei 11.769/2008 que viabiliza o ensino da música como conteúdo curricular obrigatório nas escolas de educação básica de maneira significativa no que tange aos saberes próprios dessa linguagem, mas que na prática não se efetiva.

Ao participar do grupo de pesquisa que tem como foco a alfabetização e o letramento e percebendo como a música pode ser instrumento de estímulo ao aluno no processo de ensino-aprendizagem, procuramos direcionar o nosso estudo para repensar as práticas que a escola precisa adotar na perspectiva de criação de um universo educativo estimulante e favorável para a apropriação do saber.

Concomitantemente, objetivamos relatar nossa prática ao desenvolver atividades com crianças de três e quatro anos de idade, elegendo as cantigas de roda para trabalhar os conteúdos de linguagem. Segundo Cascudo (2001) as cantigas de roda são um aparato riquíssimo da nossa cultura e a simplicidade das melodias, dos ritmos e das letras amálgama muita sabedoria.

Escolhemos uma atividade do planejamento diário para exemplificar a interação entre a cantiga de roda, o movimento, a ludicidade e o conhecimento curricular. Iniciamos com a apresentação da música “um, dois, três indiozinhos”. Fizemos a roda e começamos a coreografar a letra da música utilizando as mãos para representar os indiozinhos, o jacaré, o pequeno bote navegando/quase virando e o corpo para o ritmo da música. Após a canção usamos o caderno de desenho para recriar a letra da cantiga no papel. Segundo Ferreiro (2001, p. 16), “os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas”, ou (seja, 3ª parte da

vivência da música as crianças foram estimuladas a recriar aquele momento por meio de uma produção escrita de acordo com o seu nível de desenvolvimento para a dada situação.

Durante essa atividade, fui individualmente a cada criança perguntando o que ela havia desenhado e pedindo para que ela colocasse o nome do desenho ao lado. Elas fizeram como solicitado, colocando o nome representado ora por bolinhas e ora por rabiscos. Ferreiro (2001, p.16) Confirma que “Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado”.

As crianças, num terceiro momento, formaram a roda de conversa para socializar os seus desenhos. Cada uma foi apresentando oralmente sua arte e sua escrita. Notamos que muitas crianças tiveram facilidade em expressar seus pensamentos acerca do desenho, outras ficaram mais tímidas e fizeram a apresentação com a ajuda da professora. Compreendemos que as crianças percebem a diferença entre o desenho e o sinal que representa a sua escrita, Ferreiro pondera,

[...] que as crianças elaboram ideias próprias a respeito dos sinais escritos, ideias estas que não podem ser atribuídas à influência do meio ambiente. Desde aproximadamente os quatro anos, as crianças possuem sólidos critérios para admitir que uma marca gráfica possa ou não ser lida, antes de serem capazes de ler os textos apresentados. O primeiro critério organizador de um material composto por várias marcas gráficas é o de fazer uma dicotomia entre o “figurativo”, por um lado, e o “não-figurativo”, pelo outro. Isto é, aquilo que é “uma figura” não é pra se ler (embora possa ser interpretado). Para que se possa ler, são necessários outros tipos de marcas, definidos inicialmente por pura oposição ao figurativo e, às vezes, na ausência de qualquer termo genérico (“letras” ou “números”) (2001, p. 45- 46).

Dando continuidade a atividade no segundo dia, fizemos uma roda e cantamos a música do indiozinho de maneira que cada um pudesse criar seu ritmo e sua coreografia. Algumas crianças bateram palmas; outras tentavam fazer a coreografia do dia anterior; outras pulavam; outras imitavam o jacaré abrindo a boca ou índio colocando a mão na cabeça fazendo a criação de uma pena ou imitando o barco navegando. Ficou claro que as crianças recriavam a coreografia a partir da sua imaginação. A criança se concentrava na história cantada para dar vida a cada personagem, movimentando o corpo, interagindo com o grupo, no momento de entrega e de felicidade. As cantigas de roda tem esse papel, promover a interação e o trabalho com o corpo todo. Como pessoa completa, na inteireza das dimensões humanas é preciso considerar na formação do indivíduo, não só o cognitivo, mas os aspectos corporais, cinestésicos, as dimensões afetivas e psicomotoras. (CASCUDO 2001)

Por fim, fiz papel de escriba e escrevi a letra da música no papel peso quarenta, afixando-o na parede da sala de aula, depois fiz o papel de leitora daquele dia e li a letra

identificando com o dedo cada palavra. As crianças foram encontrando a vogal “i” na música e circulando cada uma. Por conseguinte, desenhamos a letra “i” e fizemos dela um índio com o cocar, 10 crianças coloriram a letra “i” fantasiadas de índio e o restante ajudou a desenhar em uma cartolina o cenário da música (o rio, o barco, o jacaré, o céu), depois recortamos a letra “i” e colamos no bote. Todo planejamento foi seguido com o objetivo de conhecer e identificar a letra “i” e, no caminho perseguido, as crianças participaram na construção desse saber. Segundo Soares (2004) a alfabetização conseguirá atingir seu objetivo quando estiver aliada a uma prática social de leitura e escrita, ou seja, alicerçada por atividades que viabilizem o letramento, ao tempo em que o letramento também se fortalece através da aprendizagem do sistema de escrita alfabética. O professor deve “alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando” (SOARES, 2004, p. 97).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos considerando que a percepção das funções sociais da escrita e a necessidade de sua ênfase nos processos escolares estimula a utilização de diferentes gêneros textuais nas escolas, tendo como ponto de partida o conhecimento prévio do aluno a fim de trazer maior significado a construção do saber curricular trabalhado na escola. Neste sentido, Luizato (2003, p 71) pondera que “nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento”. De alguma forma os indivíduos estão em contato com a língua escrita e o estímulo será favorecido pelo ambiente em que a criança encontra-se inserida, ou seja, em um local onde a escrita se faça presente, logo seu interesse para a compreensão desse fenômeno será maior.

Quando o aluno tem pouco estímulo para adentrar ao universo das letras, a escola deve fazer essa função, provocando no aluno o desejo pela leitura e escrita, dentro das especificidades da etapa de ensino. A Educação Infantil deve possuir conexão como o brincar, o faz-de-conta, a dança, a música, o movimento entre outras atividades que elevem a compreensão do conhecimento de mundo pela criança. Nessa reflexão a Educação Infantil não iniciará o processo de alfabetização da criança, mas ela dará continuidade ao que vem ocorrendo dentro do seu convívio social, promovendo sua compreensão da escrita com intencionalidade e de maneira sistemática. Portanto, entendemos que é papel da instituição educativa, que inicia a vida escolar da criança, contribuir com práticas que desenvolvam as ações de alfabetização e letramento.

Concordamos que para alcançar as necessidades inerentes a essa etapa de desenvolvimento da criança, as atividades de alfabetização e letramento devem ser diversificadas, e propostas pelo viés da ludicidade, do movimento, do letramento. Essas características fazem a criança avançar em seu conhecimento sobre a língua, identificando-se com aquilo que está sendo trabalhado, pois foi convidada a trabalhar com algo que pertence ao seu mundo, que é o brincar, o mover-se pela musicalização, o faz-de-conta.

De acordo com Mariani (2011), a música tem essa função de tirar o aluno da passividade, ela permite que o indivíduo tenha uma atuação física (promovendo o movimento), estimula a coreografia da letra (incita a imaginação, o faz-de-conta), desenvolve a sensibilidade do ouvir (estabelece a concentração). Essa prática vem ao encontro das necessidades de um ensino que permita ao educando atribuir sentido ao universo da escrita e da leitura. As cantigas de rodas entregam um conjunto cultural facilmente identificado com o mundo ao seu redor, por ser algo que represente o nosso modo de vida e os elementos que nos cercam, tornando nossa prática mais significativa dentro dos muros escolares.

REFERÊNCIAS

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**: proposta pra a formação integral da criança. 2. ed. São Paulo: Editora Petrópolis, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Editora Global, 2001.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales (et. al). 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARIANI, Silvana. Émile Jaques-Dalcroze: a música e o movimento. In.: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpex, 2011.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: Caminhos e descaminhos. **Revista Pedagógica**, 29 de fevereiro, Artmed Editora, 2004.